



Julia Quinn

*O que acontece
em Londres*

TRILOGIA BEVELSTOKE 2



Título original: *What Happens in London*
Copyright © 2009 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Thaís Paiva
preparo de originais: Marina Góes
revisão: Flávia Midori e Camila Figueiredo
diagramação: Adriana Moreno
capa: Emma Graves / LBBG
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão
ilustrações de capa: Yoco / Dutch Uncle
impressão e acabamento: Geográfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64q Quinn, Julia, 1970-
O que acontece em Londres/ Julia Quinn; tradução de Thaís Paiva. São Paulo: Arqueiro, 2020.
288 p.; 16 x 23 cm. (Bevelstoke; 2)
Tradução de: What happens in London
ISBN 978-85-306-0136-2

1. Ficção americana. I. Paiva, Thaís. II. Título. III. Série.

20-62246

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Gloria, Stan, Katie, Rafa e Matt. Para mim, não existe “a família do meu marido”. Só existe a nossa família, ponto.

E também para Paul, mesmo que ele tenha todos os genes dominantes.

Prólogo

Aos 12 anos, Harry Valentine tinha dois conhecimentos que o distinguiram dos outros garotos de sua estirpe na Inglaterra do início do século XIX.

Primeiro, ser fluente em russo e francês. Mas não havia muito mistério envolvendo esse talento, pois sua avó, a mui aristocrática e obstinada Olga Petrova Obolenskiy Dell, fora morar com a família Valentine quatro meses após o nascimento de Harry.

Olga abominava a língua inglesa. Em sua opinião (que ela jamais se furtava de oferecer), absolutamente tudo que havia a se dizer no mundo poderia ser dito em russo ou francês.

Agora, por que ela resolvera se casar justo com um inglês, isso ela nunca explicava de maneira satisfatória.

– Imagino que seja porque a explicação deveria ser dada em *inglês* – murmurara a irmã de Harry, Anne, certa vez.

Harry apenas deu de ombros. E riu (como qualquer irmão que se preze) quando o comentário rendeu a Anne um puxão de orelha. *Grand-mère* entendia perfeitamente a língua inglesa, por mais que a desprezasse, e tinha ouvido de tuberculoso. Quando estava por perto, era uma péssima ideia murmurar qualquer coisa – em qualquer idioma. Fazê-lo em inglês já era uma grande tolice. Fazê-lo em inglês e ainda por cima insinuando que a capacidade vernacular do francês ou do russo era insuficiente para exprimir a mensagem em questão...

Sinceramente, Harry ficou surpreso por Anne não ter apanhado de palmatória.

Mas a menina nutria pelo russo o mesmo desprezo que *grand-mère* reservava ao inglês. Era muito *cansativo*, queixava-se ela, e o francês era quase tão difícil quanto. Anne tinha 5 anos quando *grand-mère* fora morar com eles, seu inglês já arraigado demais para que desse chance a outro idioma.

Harry, por outro lado, não se fazia de rogado e respondia no idioma em que lhe dirigissem a palavra. O inglês se prestava aos assuntos corriqueiros; o francês, à elegância; e o russo logo se tornou próprio para o drama e a emoção. A Rússia era vasta. Fria. E, acima de tudo, *grande*.

Pedro, o Grande. Catarina, a Grande. Harry crescera ouvindo essas histórias.

– Bah! – zombava Olga quando o tutor de Harry tentava ensinar a história da Inglaterra. – Quem é esse tal de Ethelred, o Despreparado? *Despreparado*? Que tipo de país permite que um governante seja despreparado?

– A rainha Elizabeth foi uma grande governante – retorquiu Harry.

Olga não se deixou intimidar:

– E por acaso ela é chamada de Elizabeth, a Grande? Ou a Grande Rainha? Não. Ela é chamada de Rainha Virgem, como se *isso* fosse motivo de orgulho.

Nesse momento, as orelhas do tutor ficaram muito vermelhas, o que Harry achou bastante curioso.

– Ela *não foi* uma grande rainha – prosseguiu Olga, a voz gélida. – Sequer gerou um herdeiro ao trono de seu país.

– A maioria dos historiadores concorda que ela foi prudente ao evitar o casamento – retrucou o tutor. – Elizabeth precisava dar a impressão de ser uma governante livre de influências e...

Ele não terminou a frase. O que não surpreendeu Harry: *grand-mère* tinha cravado nele seu olhar mais afiado e aquilino. O menino não conhecia ninguém que fosse capaz de continuar falando incólume depois de ser crivado por aquele olhar.

– Você é um homenzinho estúpido – sentenciou ela, dando-lhe as costas.

Olga o demitiu no dia seguinte, tomando para si a tarefa de educar Harry até que um novo tutor fosse encontrado. Não era bem de sua alçada contratar e demitir os educadores das crianças Valentines, que já eram três (Harry tinha 7 anos quando o pequeno Edward chegou), mas parecia improvável que outra pessoa assumisse a função. A mãe de Harry, Katarina Dell Valentine, nunca a contrariava. Quanto ao pai... bem...

O pai tinha muito a ver com o segundo conhecimento incomum que habitava o cérebro de 12 anos de Harry.

Sir Lionel Valentine era um bêbado.

Não era *esse* o conhecimento incomum, afinal, todos sabiam que sir Lionel bebia mais do que devia. Não havia como esconder. Ele vacilava e tropeçava (na fala e no caminhar), ria quando ninguém mais ria e, para o terror das duas criadas (e dos dois tapetes do escritório de sir Lionel), tinha um hábito que explicava por que todo aquele álcool não se convertia em gordura corporal.

E foi por isso que Harry virou especialista em limpar vômito.

A primeira vez foi quando ele tinha 10 anos. Harry provavelmente teria deixado a sujeira onde estava se não tivesse resolvido pedir alguns trocados ao pai – e cometeu o erro de fazê-lo já tarde da noite. Depois de tomar seu conhaque vespertino, seu trago da tardinha, seu vinho do jantar e seu Porto de sobremesa, sir Lionel estava de volta à sua bebida favorita, o supracitado conhaque contrabandeado da França. Harry tinha plena certeza de que havia usado frases coerentes (em inglês) ao fazer seu pedido, mas o pai apenas o encarou, piscando várias vezes, como quem não entende o que ouve, até que, de repente, vomitou nos sapatos do filho.

Harry não teve como ignorar a sujeira.

Depois disso, foi como se não tivesse mais volta. O incidente se repetiu passada uma semana (embora, dessa vez, não no pé de Harry) e também no mês seguinte. Fosse qualquer outra criança, ao completar 12 anos já teria perdido a conta da quantidade de vezes que tivera que limpar a sujeira do pai, mas Harry sempre fora um garoto muito analítico. Assim, a partir do momento que começou a contar, foi difícil parar.

A maioria das pessoas teria perdido a conta por volta da sétima vez. Afinal, Harry sabia, graças a seu abrangente conhecimento de lógica e aritmética, que sete é o maior número que as pessoas são capazes de assimilar visualmente. Marque sete pontos num papel e, após uma rápida olhada, a maioria de nós conseguirá afirmar: “Sete.” Acrescente um, porém, e quase todos perderão as contas.

Harry conseguia visualizar até 21.

Portanto, não era de surpreender que, após quinze incidentes, Harry soubesse exatamente quantas vezes havia encontrado o pai tropeçando pelo corredor, desmaiado no chão ou mirando (mal) um penico. Então, por volta dos 20 anos, a questão tomou proporções um tanto acadêmicas e ele sentiu que *precisava* contabilizar.

Afinal, ele tinha que pensar no assunto como uma questão acadêmica.

Do contrário, ele correria o risco de se ver chorando antes de dormir em vez de ficar encarando o teto e avaliando: “Quarenta e seis, mas com um raio um pouco menor do que na terça-feira passada. Presumo que não tenha comido muito no jantar.”

Já fazia tempo que a mãe de Harry decidira ignorar a situação por completo, preferindo passar seus dias no jardim cuidando das espécies de rosas exóticas trazidas da Rússia tantos anos antes pela avó dele. Anne também já tinha declarado que planejava se casar e “sair desse inferno” assim que completasse 17 anos. O que, de fato, aconteceu – uma proeza que se devia inteiramente à própria determinação, já que nem o pai nem a mãe mexeram um dedo sequer para lhe arranjar um marido. Quanto a Edward, o caçula, ele aprendera a se adaptar, tal como Harry. Depois das quatro da tarde, o pai não tinha utilidade alguma, mesmo que parecesse lúcido – e geralmente ele mantinha as aparências, mas só até a hora do jantar, quando a coisa descarrilhava de vez.

A criadagem toda também já sabia. Não que houvesse legiões de criados; os Valentines tinham uma condição financeira bastante boa, com sua casinha jeitosa em Sussex e as 100 libras anuais que ainda recebiam como parte do dote de Katarina, mas não era uma riqueza fenomenal. Por isso, a criadagem dos Valentines se reduzia a oito pessoas: mordomo, cozinheira, governanta, cavalição, dois lacaios, arrumadeira e copeira. Quase todos decidiram permanecer trabalhando para a família mesmo tendo que lidar com os desagradáveis deveres relacionados ao álcool. Sir Lionel podia ser um beerrão, mas não era um beerrão mau. Também não era sovina, de modo que até as criadas se acostumaram a limpar a bagunça dele se isso lhes rendesse uma moeda extra aqui e ali – quando ele se lembrava do ocorrido o suficiente para ficar constrangido.

Assim, Harry não sabia ao certo *por que* continuava a limpar a sujeira do pai, uma vez que outra pessoa poderia fazê-lo. Talvez não quisesse que os empregados se dessem conta da frequência dos episódios; talvez precisasse de um lembrete visceral dos perigos do álcool. Diziam que seu avô paterno fora igualzinho. Será que aquele tipo de coisa corria no sangue da família?

Ele não queria pagar para ver.

Então, muito de repente, *grand-mère* morreu. E não foi o fim pacífico de quem morre dormindo – Olga Petrova Obolenskiy Dell jamais desperdiçaria sua derradeira oportunidade de fazer drama. Estava sentada à mesa do

jantar, prestes a mergulhar a colher na sopa, quando levou a mão ao peito, começou a arquejar violentamente e caiu dura. Uma análise posterior constatou que ela ainda tinha algum nível de consciência quando bateu com a testa na mesa. Porque não apenas evitou cair de cara no prato, como também, sabe-se lá como, deu um jeito de acertar a colher de modo a espirrar um jorro de sopa fumegante sobre sir Lionel, cujos reflexos embotados o impediram de se esquivar a tempo.

Harry não foi testemunha ocular do acontecimento; aos 12 anos, não tinha permissão de jantar com os adultos. Mas Anne presenciou a cena toda e contou tudo ao irmão, detalhe por detalhe, quase sem parar para respirar.

– E aí ele arrancou fora a gravata!

– À mesa?

– À mesa! Deu até para ver a queimadura! Desse tamanho! – Com o polegar e o indicador, Anne indicou que devia medir uns 3 centímetros.

– E a *grand-mère*?

Anne assumiu um ar mais sério. Só um pouco.

– Acho que ela morreu.

Harry engoliu em seco.

– Bem, ela já era muito velha – comentou ele.

– Uns 90 anos, no mínimo.

– Acho que não chegava a 90, não.

– Mas *parecia* – resmungou Anne.

Harry não disse nada. Não sabia direito como era uma mulher de 90 anos, mas era inegável que não conhecia ninguém que tivesse mais rugas do que *grand-mère*.

– Sabe o que foi mais estranho? – prosseguiu Anne, inclinando-se para a frente. – A *mamãe*.

– O que ela fez?

– Nada. Nadinha.

– Ela estava sentada perto da *grand-mère*?

– Não, não é disso que estou falando. Ela estava do outro lado da mesa, e na diagonal, longe demais para poder ajudar.

– Então...

– Ela só ficou lá sentada – interrompeu Anne. – Nem se mexeu. Não fez a menor menção de se levantar.

Harry ponderou. Triste dizer, mas aquilo não o surpreendia.

– A expressão dela nem se alterou. Ela ficou lá sentada, *assim*.

Anne assumiu uma expressão vazia inconfundível, e Harry teve que admitir que era idêntica à da mãe.

– Vou lhe dizer uma coisa – prosseguiu Anne. – Se ela caísse de cara na sopa na minha frente, eu ficaria no mínimo *muito* surpresa. – Ela balançou a cabeça. – São inacreditáveis, esses dois. Papai só faz beber e mamãe não faz é nada. Olha, mal posso esperar pelo meu aniversário. Não me interessa se deveríamos estar de luto. Eu *vou* me casar com William Forbush e não há nada que eles possam fazer para me impedir.

– Acho que você não tem com o que se preocupar – disse Harry. – Mamãe provavelmente não vai manifestar qualquer opinião sobre o assunto e papai vai estar bêbado demais para perceber.

Anne contraiu os lábios, formando uma careta triste.

– Humpf. Você tem razão. – Em seguida, numa demonstração nada comum de afeto fraternal, afagou o ombro dele. – Não se preocupe. Em breve você também vai embora.

Harry aquiesceu. Em poucas semanas, ele partiria para o colégio interno.

E, embora sentisse um pouco de culpa por ir embora e deixar Anne e Edward para trás, a sensação foi totalmente suprimida pelo alívio esmagador que tomou conta dele ao partir.

Foi um momento muito bom. Com todo o respeito a *grand-mère* e seus monarcas favoritos, ir embora foi um *grande* momento.



A vida como estudante se revelou tão satisfatória quanto Harry esperava. Ele frequentava o Hesslewhite, um colégio interno razoavelmente rigoroso para meninos cujas famílias não tinham influência (ou, no caso de Harry, interesse) suficiente para mandá-los para Eton ou Harrow.

Ele adorava a escola. *Adorava*. Adorava as aulas, adorava os esportes e adorava ir dormir sem ter que fazer a ronda na casa em busca do pai, torcendo para que ele tivesse desmaiado a tempo de não se vomitar todo. Na escola, Harry ia do salão de convivência direto para o dormitório, e adorava cada passo daquele tranquilo caminho.

Como todas as coisas boas têm fim, aos 19 anos Harry se formou com sua classe, da qual fazia parte Sebastian Grey, seu primo e melhor amigo. Houve

uma cerimônia, já que esse é o tipo de ocasião que as pessoas gostam de celebrar, mas Harry se “esqueceu” de avisar à família.

– Onde está sua mãe? – perguntou tia Anna.

Assim como a mãe de Harry, tia Anna não carregava nenhum sotaque, apesar da insistência de Olga em se dirigir às filhas apenas em russo desde que eram criancinhas. Anna se saía melhor do que a irmã ao se casar com o segundo filho de um conde, mas isso não causou nenhuma rixa entre as duas. Afinal, sir Lionel era um baronete, o que significava que, apesar de tudo, Katarina é que mantinha o título de “Sua Graça”. Por outro lado, Anna tinha a influência e o dinheiro e, talvez o mais importante, um marido que quase nunca se permitia tomar mais do que uma taça de vinho no jantar – isto é, até a morte dele, dois anos antes.

Assim, quando Harry murmurou uma desculpa qualquer, alegando que a mãe se sentia um pouco cansada, Anna entendeu no mesmo instante: se a mãe dele comparecesse, o pai também estaria presente. E, depois do espetáculo trôpego que sir Lionel dera em 1807, durante a cerimônia de convocação do Hesslewhite, Harry relutava muito em convidá-lo para qualquer outro evento escolar.

Sir Lionel tendia a falar engrolado quando bebia, e Harry não sabia se seria capaz de sobreviver a outro discurso sobre a “esgola esblêndida, zimblemente esblêndida”, ainda mais se, como na primeira ocasião, fosse proferido pelo pai em cima de uma cadeira.

E durante aquele que deveria ser um minuto de silêncio.

Harry tentara tirar o pai de lá, e teria conseguido se a mãe, do outro lado de sir Lionel, houvesse ajudado na empreitada. Mas ela só ficou olhando para a frente, como sempre fazia nesses momentos, fingindo que nada estava acontecendo. Então restou a Harry dar um puxão no pai, que perdeu o equilíbrio e caiu, com um grito e um estrondo, batendo com a bochecha no espaldar da cadeira da frente.

O episódio poderia ter deixado qualquer um possesso, mas não sir Lionel. Ele apenas deu um sorriso estúpido, chamou Harry de “rabaz esblêndido” e cuspiu um dente.

Harry ainda guardava aquele dente. E nunca mais permitira que o pai pusesse os pés no colégio. Mesmo que, com isso, fosse o único garoto sem os pais na cerimônia de formatura.

Depois, a tia fez questão de levá-lo em casa, para gratidão de Harry.

Ele não gostava de receber convidados, mas tia Anna e Sebastian já sabiam tudo o que havia para saber sobre sir Lionel. Quer dizer, quase tudo: Harry os privara da informação referente às 126 vezes em que ele tivera que limpar a sujeira do pai. Também omitira a recente perda do precioso samovar de *grand-mère*, que acontecera quando sir Lionel tropeçara em uma cadeira, dera um salto curiosamente gracioso no ar (talvez numa tentativa de recobrar o equilíbrio) e caíra de barriga no aparador.

Três pratos de ovos e uma travessa de bacon também se perderam naquela manhã.

Os cães, por outro lado, nunca comeram tão bem na vida.

O Hesslewhite fora escolhido por ser próximo da propriedade da família, de modo que, após meros noventa minutos de carruagem, eles saíram da estrada e pegaram a alameda que levava à casa.

– As árvores estão bem frondosas este ano – observou tia Anna. – Imagino que as rosas de sua mãe estejam vingando bem.

Harry assentiu distraidamente, tentando calcular as horas. Ainda era fim de tarde ou já era noite? Se a hora estivesse avançada, seria obrigado a convidá-los para ficar para o jantar. Não havia como fugir de convidá-los a entrar – tia Anna decerto gostaria de ver a irmã –, mas, se ainda fosse cedo, os convidados esperariam apenas um chá, o que significava que poderiam entrar e sair sem nem avistar sir Lionel.

No jantar, aí seriam outros quinhentos. Sir Lionel insistia em sempre se vestir formalmente para a ocasião, o que, segundo ele, era a marca de um cavalheiro. E, por menor que fosse a reunião (99 por cento das vezes, eram apenas sir Lionel, lady Valentine e os filhos que estivessem em casa), ele fazia questão de bancar o anfitrião. O que geralmente significava muitas histórias e tiradas jocosas, só que sir Lionel tendia a esquecer o que acontecia do meio para o fim e suas tiradas estavam mais para sofríveis.

O que, por sua vez, implicava um silêncio doloroso por parte dos demais, que passavam boa parte do jantar fingindo não notar que ele derrubara a molheira ou que sua taça de vinho fora enchida uma segunda vez.

E uma terceira.

E uma quarta.

E, é claro, uma quinta vez.

Ninguém nunca pedia que ele parasse. De que adiantaria? Sir Lionel sabia que bebia demais. E de uma coisa Harry já perdera a conta: quantas vezes o pai se virara para ele, soluçando, e dissera: “Eu zindo muito, zindo muito mesmo. Não guero zer um vardo. Vozê é um bom garodo, Harry.”

Mas de nada adiantava. Qualquer que fosse a motivação de sir Lionel para beber, era muito mais poderosa que qualquer culpa ou arrependimento de onde pudesse tirar forças para parar. Sir Lionel tinha perfeita noção do tamanho de seus problemas. Mas era completamente impotente diante deles.

Assim como Harry, cuja única opção seria amarrar o pai na cama – o que ele não estava disposto a fazer. Portanto, restava não convidar os amigos para visitá-lo, evitar jantar em casa e, agora que a escola tinha terminado, contar os dias para ir para a universidade.

Antes disso, porém, ele precisava sobreviver ao verão. Assim que a caruagem parou na frente da casa, Harry desceu e estendeu a mão para ajudar a tia. Sebastian saiu em seguida e, juntos, os três foram para a sala de visitas, onde Katarina estava absorta em seu bordado.

– Anna! – exclamou ela, e fez menção de se levantar (só menção mesmo). – Que surpresa agradável!

Anna foi abraçá-la e depois se sentou de frente para a irmã.

– Achei que seria bom dar uma carona ao Harry na volta da escola.

– Ah, então acabou o semestre? – murmurou Katarina.

Harry deu um sorriso tenso. Ele tinha sua cota de culpa pela ignorância dela, precisava admitir, já que não dissera nada sobre estar prestes a se formar. Por outro lado, não era um dever de mãe ficar a par desses detalhes?

– Olá, Sebastian – disse Katarina, virando-se para o sobrinho. – Você cresceu.

– Acontece – brincou Sebastian, exibindo seu sorriso torto de sempre.

– Misericórdia – disse ela, sorrindo. – Logo, logo você será um perigo para as jovens.

Harry se segurou para não revirar os olhos. Sebastian já tinha conquistado quase todas as meninas da vila perto de Hesslewhite. O primo devia exalar alguma espécie de almíscar, porque as fêmeas viviam aos pés dele.

Seria revoltante, não fosse pelo fato de que era impossível *todas* as moças dançarem com Sebastian. E Harry ficava mais do que feliz em ser o rapaz mais próximo assim que a decepção delas passava.

– Não haverá tempo para isso – atalhou Anna. – Adquiri uma patente para Sebastian. Ele parte em um mês.

– Vai entrar para o Exército? – Katarina se virou para o sobrinho, surpresa. – Que maravilhoso.

Sebastian deu de ombros.

– Mãe, a senhora já sabia disso – comentou Harry.

O futuro de Sebastian havia sido decidido vários meses antes. Desde que o marido morrera, Anna andava preocupada com a falta de referências masculinas na vida do filho. E, como era improvável que Sebastian herdasse título ou fortuna, subentendia-se que deveria forjar seu próprio caminho no mundo.

Ninguém, nem mesmo Anna, que não via defeitos no rapaz, chegou a *sugerir* que ele considerasse o clero.

Sebastian não estava muito animado com a perspectiva de passar uma década lutando contra Napoleão, mas, como ele mesmo dissera a Harry, o que mais poderia fazer? Seu tio, o conde de Newbury, o detestava, e já deixara claro que Sebastian não deveria esperar qualquer ajuda dele – nem financeira nem de outra natureza.

– Quem sabe ele não morre? – sugeriu Harry, com todo o tato de um garoto de 19 anos.

Pelo menos Sebastian não se ofendia fácil, ainda mais com relação ao tio. Ou do único filho do tio, que herdaria Newbury.

– Meu primo é ainda pior – respondeu Sebastian. – Ele tentou me humilhar em Londres, me ignorou quando nos encontramos em um evento da alta sociedade.

Chocado, Harry sentiu as sobrancelhas se erguerem. Uma coisa era abominar um membro da família; outra completamente diferente era tentar humilhá-lo em público.

– O que você fez? – perguntou Harry.

Sebastian abriu um sorriso lento.

– Seduzi a garota com quem ele queria se casar.

Harry encarou o primo de um jeito que transmitia toda a sua incredulidade.

– Ah, está bem, não foi exatamente isso – cedeu Sebastian. – Mas seduzi a garota em quem ele estava de olho no pub.

– E a garota com quem ele queria se casar?

– Bem, agora ela não quer mais se casar com ele! – Sebastian riu.

– Céus, Seb, o que você fez?

– Ah, nada grave. Até eu sei que não convém se engraçar com a filha de um conde. Eu só... despertei o interesse dela, só isso.

Contudo, como sua mãe havia observado, Sebastian não teria muitas oportunidades de envolvimento amoroso dali para a frente, não com a vida militar esperando por ele. Harry tentava não pensar na partida do primo. Seb, afinal, era a única pessoa no mundo em quem ele confiava totalmente.

A única que nunca o decepcionara.

Na verdade, fazia todo o sentido. Sebastian não era burro – muito pelo contrário –, mas não era afeito à vida acadêmica. Decerto se sairia muito melhor no Exército. Ainda assim, sentado ali, na desconfortável poltrona da sala de visitas pequena demais para ele, Harry não pôde deixar de sentir um pouco de pena de si mesmo. Nem de ser egoísta. Preferia que Sebastian fosse para a universidade com ele, mesmo que essa não fosse a melhor escolha para o primo.

– Qual será a cor do seu uniforme? – perguntou Katarina.

– Azul-escuro, eu acho – respondeu Sebastian, educadamente.

– Ah, você ficará belíssimo de azul. Não acha, Anna?

Anna assentiu.

– Você também ficaria, Harry – acrescentou Katarina. – Talvez devêssemos providenciar uma patente para você também.

Atônito, Harry ficou mudo. Nunca o Exército fora considerado uma possibilidade para seu futuro. Ele era o primogênito e herdaria a propriedade, o baronato e todo o dinheiro que o pai não torrasse em bebida antes de morrer.

Era melhor que não fizesse nada que o pusesse em perigo.

Além disso, era um dos poucos alunos de Hesslewhite que realmente *gostavam* de estudar. Os garotos o apelidaram de “professor”, e Harry não se incomodava nem um pouco. O que a mãe dele estava dizendo? Parecia até que não o conhecia! Estava mesmo sugerindo que entrasse para o Exército para poder vestir uma roupa da *moda*?

– Ah, não. Harry jamais poderia ser soldado – comentou Sebastian, maliciosamente. – Ele não consegue acertar um alvo nem à queima-roupa.

– Que absurdo – retrucou Harry. – Posso não ser tão bom quanto *ele* – e indicou o primo com a cabeça –, mas sou melhor que todo o resto.

– Então você é bom de mira, Sebastian? – perguntou Katarina.

– O melhor.

– Também é a modéstia em pessoa – resmungou Harry.

Mas era verdade. Sebastian era um exímio atirador e o Exército se beneficiaria muito com seu alistamento, se ao menos conseguissem impedi-lo de seduzir Portugal inteiro.

Quer dizer, metade de Portugal. A metade feminina.

– Então por que não pega uma patente também? – insistiu Katarina.

Harry se virou para ela, tentando decifrar a expressão da mãe. Ou melhor, tentando decifrar *a mãe*. Katarina era sempre tão vaga que dava nos nervos, como se o passar dos anos aos poucos tivesse apagado tudo que formara sua personalidade, tudo que lhe dera *sentimentos*. Não tinha opiniões, só deixava o mundo girar à sua volta, entregue à inércia, aparentando completo desinteresse por tudo.

– Acho que você se daria bem no Exército – disse ela calmamente.

E ele pensou: ela já havia feito algum comentário nesse sentido antes? Já dera alguma opinião sobre o futuro dele, sobre seu bem-estar?

Será que estivera apenas esperando a hora certa?

Ela sorria como de costume: um sorriso acompanhado de um pequeno suspiro, como se o esforço fosse quase excessivo.

– Você ficaria esplêndido de azul. – E se voltou para Anna. – Não acha?

Harry abriu a boca para dizer... bem, para dizer alguma coisa. Assim que descobrisse o quê. Ele não pretendia ingressar no Exército. Iria para a universidade. Tinha conseguido uma vaga na Pembroke College, em Oxford. Vinha pensando em estudar russo. Desde a morte de *grand-mère*, quase não praticava o idioma. A mãe falava russo, mas eles mal terminavam uma conversa em inglês, que diria em russo.

Puxa vida, que saudade Harry sentia de *grand-mère*! Ela nem sempre agia da forma mais correta e nem sempre era agradável, mas era divertida. E o amava.

O que a avó haveria de querer que ele fizesse? Harry não sabia. Se fosse para passar os dias imerso em literatura russa, ela decerto aprovaria que Harry fosse para a universidade. Mas também respeitava muito os militares e zombava abertamente do pai de Harry por nunca ter servido ao país.

Claro, zombava abertamente do pai de Harry por vários motivos.

– Você deveria considerar a ideia, Harry – declarou Anna. – Tenho certeza de que Sebastian iria gostar de ter sua companhia.

Harry lançou um olhar desesperado para o primo. Sebastian com certeza entenderia o sofrimento que a ideia lhe causava. Onde as duas estavam com a cabeça? Esperavam que ele tomasse uma decisão importante como aquela no meio do *chá*? Que pensasse no assunto enquanto dava uma mordida no biscoito e então decidisse que, sim, azul-marinho era *mesmo* uma cor perfeita para um uniforme?

Mas Sebastian só deu de ombros muito discretamente, daquele seu jeito levantando um ombro só, como quem diz: *Fazer o quê? As pessoas falam cada coisa...*

A mãe de Harry levou a xícara de chá aos lábios, mas, se chegou a beber, não foi possível saber. Então a pousou de volta no pires e fechou os olhos.

Foi um mero piscar, ligeiramente mais longo que uma piscadela normal, mas Harry já sabia o que significava. Katarina tinha ouvido passos. Dele. Ela era sempre a primeira a ouvi-lo. Talvez fosse em função dos anos morando sob o mesmo teto, quiçá no mesmo mundo. Sua capacidade de fingir que a vida era muito diferente da que de fato vivia se desenvolvera junto com a habilidade de antever o paradeiro do marido em todos os momentos possíveis.

Era muito mais fácil ignorar o que se mantinha fora de vista.

– Anna! – exclamou sir Lionel, surgindo à porta e logo se recostando no batente. – E Sebastian. Que ótima surpresa. Como vai, meu garoto?

– Vou bem, senhor.

Harry observou o pai entrar na sala. Não dava para saber ao certo o nível de embriaguez em que se encontrava. Seus passos não vacilaram, mas Harry não gostou nada de ver o jeito como os braços dele balançavam.

– Que bom ver você, Harry – disse sir Lionel, tocando brevemente o ombro do filho antes de seguir para o aparador. – Então quer dizer que vocês já terminaram a escola?

– Sim, senhor – respondeu Harry.

Sir Lionel encheu um copo (Harry estava longe demais para ver qual bebida era), virou-se para o sobrinho com um sorriso frouxo e perguntou:

– Você está com quantos anos mesmo, Sebastian?

– Dezenove, senhor.

Igual a Harry. Só tinham um mês de diferença.

– E você está servindo chá, Kat? – perguntou sir Lionel à esposa. – Que ideia! Ele já é um homem.

– Pai, chá é uma bebida mais que adequada – interrompeu Harry.

Sir Lionel se virou para o filho com uma expressão surpresa, quase como se tivesse esquecido sua presença.

– Harry, meu garoto. Que bom ver você.

Os lábios de Harry se contraíram, e depois ele disse:

– É bom ver o senhor também, pai.

Sir Lionel tomou um longo gole da bebida.

– Então acabou o período, certo?

Harry aquiesceu e respondeu com seu costumeiro “Sim, senhor”.

Sir Lionel franziu o cenho e tomou mais um gole.

– Você se formou, não foi? Recebi um aviso da Pembroke College sobre sua matrícula. – Franziu o cenho de novo, depois piscou algumas vezes e deu de ombros. – Não sabia que você tinha se inscrito. – E, como se só então lhe ocorresse, completou: – Muito bem.

– Eu não vou.

As palavras de Harry se atropelaram boca a fora, surpreendendo-o. O que estava dizendo? Claro que ia para Pembroke. Era o que ele queria. O que sempre quisera. Gostava de estudar. Gostava de livros. Gostava de números. Gostava de se enfiar na biblioteca mesmo em dias de sol, mesmo com Sebastian tentando arrastá-lo para uma partida de rúgbi.

(Era uma batalha, contudo, que Sebastian sempre ganhava. Os dias de sol eram tão raros no sul da Inglaterra que era imprescindível sair e aproveitar quando surgiam. Sem falar que o primo era, acima de tudo, persuasivo como o diabo.)

Não havia em toda a Inglaterra um rapaz mais adequado à vida acadêmica. Contudo...

– Vou entrar para o Exército.

As palavras brotaram de novo, sem o menor sinal de autocontrole. Harry se perguntou o que estava dizendo. *Por que* estava dizendo.

– Com Sebastian? – indagou tia Anna.

Harry assentiu

– Alguém precisa cuidar para que ele não seja morto – respondeu ele.

Sebastian lançou um olhar torto para o primo, mas era claro que estava feliz demais com a reviravolta para responder ao insulto. Sempre tivera dúvidas sobre seu futuro nas Forças Armadas; Harry sabia que, apesar de toda a bravata, ele ficaria aliviado se pudesse estar junto com o primo.

– Você não pode ir à guerra – refutou sir Lionel. – Você é meu herdeiro.

Todos os presentes (sendo os quatro seus parentes) se viraram para o baronete, demonstrando graus variados de surpresa. Era bem possível que aquela tivesse sido a única coisa sensata que saíra da boca dele em anos.

– O senhor ainda tem Edward – retrucou Harry, sem rodeios.

Sir Lionel bebeu, piscou e deu de ombros.

– Bem, é verdade.

Harry já esperava que ele fosse dizer algo assim, mas isso não o impediu de sentir um nó de decepção na garganta. E de ressentimento.

E de mágoa também.

– Um brinde a Harry! – bradou sir Lionel em tom jovial, erguendo o copo. Nem pareceu notar que ninguém o acompanhava no brinde. – Vá com Deus, meu filho. – Levou o copo aos lábios e o virou, e foi só então que percebeu que estava vazio. – Ora, diabos – murmurou. – Que vergonha.

Harry se afundou na cadeira. Sentia uma comichão nos pés, como se estivessem ansiosos para se mexer. Para correr.

Reabastecendo-se com prazer, sir Lionel perguntou:

– Quando vocês vão?

Harry olhou para Sebastian, que respondeu no ato:

– Devo me apresentar na próxima semana.

– O mesmo vale para mim – informou Harry ao pai. – Precisarei do dinheiro para adquirir a patente, é claro.

– É claro – concordou sir Lionel, respondendo instintivamente ao tom autoritário na voz de Harry. – Bem.

Sir Lionel fitou os próprios pés, depois olhou para a esposa, que tinha o olhar perdido na janela.

– É mesmo um prazer ver vocês.

Ele deixou o copo na mesa de forma abrupta e andou lentamente até a porta, cambaleando apenas uma vez.

Harry o observou partir, sentindo-se estranhamente distanciado da cena. Não que nunca tivesse imaginado isso, é claro. Não o alistamento no Exército, mas a partida. Sempre supusera que iria para a universidade, colocando as malas na carruagem da família e pronto. Mas sua imaginação se entregara a incontáveis saídas dramáticas – desde gestos alucinados até olhares gélidos. As preferidas incluíam garrafas lançadas contra a parede. As mais caras. As contrabandeadas da França.

Seu pai ainda apoiaria os malditos franceses comprando bebidas ilegalmente enquanto o filho os enfrentava no campo de batalha?

Harry encarou o espaço vazio onde o pai estivera. Não importava mais, não é mesmo? Seu tempo ali acabara.

Chega. Estava farto daquele lugar, daquela família, de todas aquelas noites guiando o pai para a cama, tendo o cuidado de deitá-lo de lado para que, caso voltasse a vomitar, não se engasgasse.

Chega.

Acabou.

O problema era que se sentia tão vazio, tão amuado... Sua partida fora marcada por... nada.

E ele levaria anos para perceber que tinha sido enganado.

Agradecimentos

A autora deseja agradecer a Mitch Mitchell, Boris Skyar, Molly Skyar e Sarah Wigglesworth por dividirem seu conhecimento sobre a Rússia.

CONHEÇA OS LIVROS DE JULIA QUINN

OS BRIDGERTONS

O duque e eu
O visconde que me amava
Um perfeito cavalheiro
Os segredos de Colin Bridgerton
Para Sir Phillip, com amor
O conde enfeitado
Um beijo inesquecível
A caminho do altar
E viveram felizes para sempre

QUARTETO SMYTHE-SMITH

Simplesmente o paraíso
Uma noite como esta
A soma de todos os beijos
Os mistérios de sir Richard

AGENTES DA COROA

Como agarrar uma herdeira
Como se casar com um marquês

IRMÃS LYNDON

Mais lindo que a lua
Mais forte que o sol

OS ROKESBYS

Uma dama fora dos padrões
Um marido de faz de conta
Um cavalheiro a bordo

TRILOGIA BEVELSTOKE

História de um grande amor
O que acontece em Londres
Dez coisas que eu amo em você

editoraarqueiro.com.br

